



EDITORIAL

Para maior transparência, lembramos a todos que:

As matérias e assuntos aqui reproduzidos, especialmente os ligados a lendas, "causos", a fatos do passado, à chamada "oralidade", e de domínio público são transcrições do que ouvimos, lemos, do que é ou nos foi comentado e do que nos foi repassado, podendo conter variações do fato ou da ocorrência relatada(s) ou que seja mesmo "lenda".

A sabedoria popular, todavia, já nos diz que "em toda lenda há um quê de verdade" e que "onde há fumaça há fogo" ou como diz o provérbio italiano: "Se non è vero, è ben trovato", ou seja "Se não é verdadeiro, é bem inventado" ou ainda o velho brocardo: "Quem conta um conto, aumenta um ponto".

Nossa única intenção é o de tentar recuperar a memória cultural de nossa comunidade, tendo os leitores plena liberdade de re/afirmar ou ampliar as narrativas e fatos eventualmente aqui abordados.

Não somos donos de nenhuma verdade. Sabe-se que São Tiago, pelo fato de não contar com imprensa nos tempos idos e de não ter tido a sorte de dispor de memorialistas e cronistas (ao contrário de outras cidades da região, como Resende Costa) prejudicam em muito o resgate de nossa história. As fontes são escassas e imprecisas.

Temos, portanto que juntar retalhos, fragmentos de nosso passado e para esta árdua tarefa, faz-se mister o apoio de todos nós. Cada são-tiaguense é convocado a tecer esta rede, narrando o que sabe, fornecendo fotos e fatos de seu conhecimento, hauridos dos nossos antepassados, de forma a legarmos às gerações do presente e do amanhã, a saga de um povo laborioso, pacífico, devotado - o povo de São Tiago.

✳ Se você, leitor, possuir endereço eletrônico (e-mail), gentileza cadastrá-lo conosco, permitindo o recebimento direto e automático de nosso boletim, ressalvadas as nossas possibilidades técnicas de remessa.

✳ Indique-nos, por gentileza, outros São-tiaguenses e amigos de São Tiago, de seu conhecimento, interessados em receber o nosso boletim, prestigiando desta forma, a história, as tradições, os valores maiores e os vínculos familiares de nossa terra.

✳ Fortaleçamos os grandes laços de amizade e respeito que, desde o passado, compõem a nossa comunidade, a cativante família são-tiaguense.

✳ Necessitamos de pessoas habilidosas em desenhos, charges, caricaturas, esboços, etc.

✳ Precisamos de pessoas (profissional ou não) que domine o software CORELDRAW, ajudando-nos voluntariamente na montagem/formatação de nosso boletim. Gratos a quem puder colaborar.

✳ Aceitamos contribuição e apoio financeiros na manutenção do periódico.

Ao pé da fogueira

**Fatos pitorescos, históricos, lendários, folclóricos, etc...
de São Tiago e região**

"Quente Fervendo"

Um dos tipos populares e que deixou profunda marca na memória local (nos meados do século passado) foi "Quente Fervendo", um célebre andarilho que passava regularmente pela cidade e região, aqui fazendo "ponto" principalmente na mercearia do Sr. Jairo Navarro. Na zona rural, seus "pontos" (pouso, alimentação, etc.), eram principalmente a Fazenda do Córrego das Pedras (Tonico Machado), no Retiro do Marçal (do Sr. Antonio Vivas), no Bananal (do Sr. Toniquinho Silva), na Fazenda "Ponte de Tábuas" ou qualquer outro local onde aportasse em suas intermináveis andanças.

Quando não encontrava pouso, dormia sob galhos de árvores, tufo de capim, etc. por ele amontoados desordenadamente, a guisa de improvisada choupana.



Itinerário do andarilho - segundo alguns, ele tinha uma irmã residente nas proximidades de Belo Horizonte, a quem periodicamente visitava, sendo São Tiago uma de suas "paradas" ou "pontos" de viagem.

Seu nome de batismo seria Bento Lobo, recebendo também e igualmente a alcunha de "Bento Manganga" e mesmo por troca de muitos de "Bento Carneiro".

De tez branca-amorenada, sempre barbudo, cabeleira hirsuta e desgrenhada, transportava às costas enorme e pesada carga, constituída de sacos, trastes, tralhas, vasilhas, tomando-o uma verdadeira e volumosa mudança ambulante, o que impressionava a todos.

O apelido originou-se, assim dizem, pelo fato do andarilho sempre pedir comida, café, etc. nas casas com a recomendação de que fosse "quente fervendo". Ao se aproximar ou chegar a uma casa gritava: "Ó, de casa! Tem aí um café (ou um prato de comida) quente fervendo?"

Ante a resposta afirmativa, retrucava:

- Dilata mais de cinco minutos?

Caso o morador informasse, que o café ou a comida demoraria mais de cinco minutos, ele gungunava e seguia adiante. Não esperava.

Gostava ainda de usar roupas grossas, mesmo em dias ensolarados e causticantes o que levava o pessoal a gracejar: "por baixo de tanta roupa, está quente fervendo".

Para algumas pessoas mais observadoras, o cognome "Quente Fervendo" acha-se ligado a uma antiga expressão - na verdade um eufemismo - muito comum no interior mineiro, "sair com três quentes e dois fervendo" aplicada às pessoas sem paradeiro, desinquietas, que saíam rápidas ou em fuga de algum lugar ou de alguma situação incômoda.

Olavo Romano, em sua obra "Casos de Minas" (Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982) no conto "O Bentinho do Arreio" refere-se assim ao famoso andarilho "Quente Fervendo".

"Aparecia também gente que andava pelo mundo, sem eira nem beira, pedindo pouso e comida. Assim era "Quente Fervendo", um doido manso com sua misteriosa trouxa às costas. Dormia na coberta e misturava creolina na comida, sempre quente-fervendo".

Um tipo popular e peculiar que sem dúvida, deixou saudades e fortes impressões por onde perambulou...

Folclore Regional

O gritador

Um dos mitos e duendes da época das grandes boiadas que por aqui transitaram - Caminho de Goiás - e que curiosamente chegou até os nossos dias é o do "gritador", também conhecido como "capiango" ou "Zé capiango".

Trata-se, segundo a crença popular, do fantasma de boiadeiro que perdeu sua boiada e ele a busca ou a tange incessantemente, aboiando noite adentro ou mesmo durante o dia ensolarado.

Ele teria desrespeitado a Sexta-feira da Paixão (para outros o domingo), conduzindo uma partida de gado, desaparecendo misteriosamente, por castigo, juntamente com o cavalo, o cachorro e as reses que tanguia.

Tornou-se uma assombração, adentrando matos e capões, assustando com seus gritos pessoas e animais, na busca e tangedura incessante de seu rebanho invisível.

Afirmam os supersticiosos que nas noites de sexta-feira santa, o seu aboiar e brados lancinantes são mais intensamente ouvidos, além do agudo relinchar de seu cavalo, dos uivos de seu cão, formando uma orquestração plangente e fantasmagórica.

(Tal crença era encontrada entre nós, até os meados do século passado. Lembramo-nos, quando crianças, ao se ouvir barulho nos mataçais ou sons estranhos no ar, fosse durante o dia ou no quiriuri (calada da noite) o pessoal do cinto comentava: é o "capiango", o "gritador").



ADIVINHAS

- 1 - O que se compra para comer e não se come?
- 2 - Qual a palavra que tem oito letras, tirando quatro, ficam oito?
- 3 - Estava no alto tranqüilo, com dez me procuraram, com dois me tiraram a vida?
- 4 - O que é que se tira a roupa para mostrar os dentes e tiram-se os dentes para mostrar o corpo?
- 5 - O que é que entra na igreja de cabeça para baixo?
- 6 - Redondice, redondaço, não tem furo nem buraco.
- 7 - O que é que só tem alegria quando apanha?
- 8 - O que é que o boi tem e não é dele?

Respostas: (1) - prato; (2) - biscoteiro; (3) - piolho; (4) - espiga de milho; (5) - prego na sola do sapato; (6) - queijo; (7) - pandeiro; (8) - a marca do dono.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o progresso e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

COMO FALAR COM CONOSCO:

FOCEST - Fórum Cultural e de Empreendimentos de São Tiago.

Praça São Vicente, nº 253, Bairro do Cerrado
São Tiago - MG - CEP: 36.350-000 - Telefone: (32) 3376-1971
E-mail: focest@portalvertentes.com.br

Falar com Luciane

BANCO DE DADOS CULTURAIS.

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago - MG
CEP: 36.350-000 - Telefone: (32) 3376-1107
Falar com Vanderlêa (Deça)



"Reminiscências"

Iara Rodrigues Chagas Lara

São Tiago... 1960...foi nesta data o nosso encontro!
A igreja... o Largo... o Grupo Escolar... o calor amigo da sua gente!
São Tiago de noites mornas, iluminadas pelas estrelas... Festas de Santo Antônio, com foguetes, leilões e tudo... tudo aquilo que torna uma lembrança imorredoura!

Grupo Escolar... e todos aqueles semblantes inesquecíveis das "minhas crianças", que já não são mais... que se transformaram... e... quantas se apagaram... Rostinhos queridos, companheiros da luta do dia a dia!

São Tiago de um Monsenhor Elói... lutando... construindo... inovando.

De um Otávio Leal Pacheco... poeta... sonhador... com alma de criança.

De um Zé Lara... piadistas... barulhento... encantador.

Tantas figuras queridas... e... quantas delas fisicamente levadas pelo tempo.

São Tiago, não se perca pela técnica e progresso!

Conserve sua "essência" tão gostosa e tão querida!

(Transcrito do jornal "O Informativo Santiaguense", Abril de 1979)

Para refletir...

"Somente quando nos vemos no nosso verdadeiro contexto humano como membros de uma raça destinada a ser um só organismo e "um só corpo" é que começamos a compreender a positiva importância não apenas dos êxitos, mas também dos malogros e acidentes de nossa vida. As minhas vitórias não me pertencem exclusivamente. O meu caminho foi preparado por outros. O fruto de meus trabalhos não é só meu, pois estou preparando o caminho para os feitos de um outro". (Thomas Merton "Homem algum é uma ilha")

"Assim como a semente traça a forma e o destino da árvore, os teus próprios desejos é que te configuram a vida." (Emmanuel)

"Não confunda jamais conhecimento com sabedoria. Um o ajuda a ganhar a vida; o outro a construir uma vida." (Sandra Carey)

"O homem sábio é aquele que não se entristece com as coisas que não tem, mas rejubila com as que tem." (Epicteto)

"A criação prossegue incessantemente por meio do homem, mas o homem não cria: descobre." (Gandhi)

"Se queres vencer na vida, consulta três velhos." (Provérbio chinês)

Esse terceiro número do Boletim conta com os apoiadores:



IHGST

PREFEITURA MUNICIPAL
DE SÃO TIAGO
ADM. 2005 - 2008

INSTITUTO EDUCACIONAL
TIAGO APÓSTOLO



Cooperativa Agrupadora
São Tiago Ltda.

BANCO
DE DADOS
CULTURAIS



SICOOB
Credicoverteentes

O SORRISO DA MULHER DE PRETO

Aos 6 (seis) anos comecei a frequentar a escola no nosso saudoso "G.E. Afonso Pena Júnior".

Aos 7 (sete) entrei para o grupo dos coroinhas, aliás, o primeiro da paróquia.

Sob a direção do inesquecível Sr. Joaquim Sacristão, aprendemos a ajudar na missa e os demais mistérios do altar.

Morava na periferia, mas, na igreja, comecei a ter contato com as pessoas do centro.

Fui observando, como toda criança curiosa.

Via uma senhora sempre vestida de preto. Seu yéu era preto também.

Com sol ou com chuva, frio ou calor, estava impreterivelmente na igreja para a missa e a "reza" à tarde. Quando todos saíam, ela ia rezar aos pés da imagem do Coração de Jesus. Levantava-se e sorria para quem estivesse ainda na igreja e saía em direção à sua casa, de início no "Chafariz" e mais tarde, no largo, hoje Praça Ministro Gabriel Passos.

Sorria para todos que encontrava no caminho. Muitas vezes a vi na sacristia conversando com nosso querido Pe. José. É aquele rosto não ficava triste, e mesmo sério era emoldurado por um ar de sorriso.

Intriguei-me com um portmênor: ela se vestia sempre de preto.

Nunca me atinei em perguntar o porquê. Mas, mesmo não entrando em conversa de adulto, como fazíamos na época, ficava sempre atento às conversas das pessoas grandes. E mais de uma vez ouvi minha mãe comentar com pessoas da família Pereira, como "D. Nanhá Gabe" havia enterrado num só dia seu esposo e seus sete filhos.

Por isso ela se trajava sempre de luto.

Isso era dose para desagregar qualquer estrutura, roer qualquer fibra do ser humano.

E ela sorria...

Vejo, hoje, que poderíamos aplicar a D. Maria José dos Reis o que o livro dos Provérbios atribui à "mulher forte".

Levando Nossa Senhora Visitadora de casa em casa, ela arrecadava um dinheirinho para dar remédio aos pobres. Viveu fazendo o bem. Bem com sua ajuda material, e bem com seu sorriso que dava força e coragem a tanta gente.

Como seminarista e depois como padre, fui muitas vezes alvo de sua ajuda material e mais ainda da força de seu sorriso.

Mesmo no leito de dores o seu sorriso não desapareceu. D. Nanhá, a senhora se foi para Deus. A memória de seu sacrifício ficou no sobrenome que lhe deram "GABÉ". A lembrança de seu sorriso também. Todos que a conhecemos, nos lembraremos sempre dele.

No céu D. Nanhá recebe de Deus a paga de todo o bem realizado.

Mas, se o corpo ressuscitado e glorioso sorrir, como eu acho que sim, ela estará sorrindo do tamanho do amor que ela teve a Deus e aos homens.

Só que agora não é o "sorriso da mulher de preto" mas o "sorriso da mulher de branco"; da glória, branco da ressurreição.

Pe. Tiago de Almeida (Fonte: Jornal "O Informativo Santiaguense", Junho de 1983)



Da esquerda para a direita: Irmãos: D. Nanhá, Sr. Alexandre e D. Josina

BOSCO CAPUTO

O falecimento do Sr. João Bosco Caputo, dia 06 de outubro de 2005, talvez tenha encerrado e sepultado igualmente um ciclo de nossa história, de uma instigante geração de são-tiaguenses. Uma era torridamente vivida, por tantos conterrâneos, em que a arte, o lazer, em meio à pobreza reinante, temperavam-se e mesclavam-se com a irreverência, a descontração, a argúcia, a comicidade, a engenhosidade. Uma geração ativa, esfuziante, alegre, compondo um romance real eivado de personagens picarescos, burlescos, desafiadores da tragédia social.

Quem dentre os mais antigos não se lembra das peripécias e peraltices exercitadas por uma trupe de são-tiaguenses nos anos 50 e 60, em especial os jovens da família Caputo, cujas folganças, galhofas e brincadeiras tornaram-se a marca de toda uma geração?!

A hilaridade, o motejo criativos opondo-se ou subvertendo o *modus vivendi* da época, ironizando a pobreza, o autoritarismo, o conservadorismo, mediante ricas manifestações de arte e vivências comportamentais.

Bosco Caputo foi o ator mais visível desta geração. As brincadeiras e malabarismos com cavalos, à moda circense e saltimbancos, em plena praça; as "visitas" furtivas aos pomares de então, inebriantes com suas frutas suculentas e sedutoras, utilizando-se de mil e um estratégias para iludir os cães de guarda e armadilhas instaladas pelos atentos e ciumentos proprietários?!



Os espetáculos teatrais, circenses, as serestas, bailes, leilões, o futebol, do qual participou e apoiou; o grande astro goleador do Tupinambás F.C., tornando-se ele uma lenda viva em todo o Oeste e Sul mineiros pelas jogadas e gols magistrais; os campeonatos de pipa e balões, os jogos de malha, sinuca, truco.

Na vida profissional, Bosco Caputo atuou, ao longo de sua existência, em várias atividades: como comerciante, ao lado de seu pai, Sr. Joãozinho, em cuja loja se encontravam novidades e produtos que encantavam: artigos esportivos, máquinas fotográficas etc.; como produtor rural, sendo famosa a sua habilidade no laço; como vendedor de máquinas agrícolas; como proprietário de beneficiadora de arroz. Em todas granjeou respeito e amizade de seus clientes e da comunidade.

Frequêntador assíduo de bailes e eventos sociais, esmerava-se no vestuário e indumentárias trajando sempre alinhados ternos de linho e vistosas gravatas (aliás, Bosco jamais abriu mão do uso de requintados ternos e suas gravatas, às quais possuía dezenas, sabendo dar nós especiais e estilizados). Um cavalheiro sempre nobre e refinado em suas relações sociais.

Apreciador de serestas e da genuína música popular, tendo predileção pelo chorinho, pelas canções de "fossa", dentre elas "A volta do boêmio" na voz inconfundível de Nelson Gonçalves.

Uma morte, uma era inolvidável e uma geração que se foram...

O número 3 no nosso folclore

O número três (3) de origem sânscrita, segundo os estudiosos, de suma importância aritmética e de nosso indispensável uso diário, aparece frequentemente na literatura oral-popular e no folclore regional.

Dentre os ditos mais comuns, ouvimos a expressão: "Negócio de três, o diabo quem fez". Outra variante diz: "Trinca de três, o diabo quem fez" ou ainda "Segredo de dois, segredo de Deus; Segredo de três, o diabo fez".

Antiga trova ou adágio ligado ao casamento, provavelmente de origem ibérica, e de todos conhecida:

"Se embarca, ao deixar a terra,
todo homem reza uma vez;
duas, se vai à guerra,
mas quando se casa, três"



A linguagem popular é deveras rica e hiperbólica quanto ao emprego do número ou da expressão "três".

"Tomar um café de três errês" (ralo, ruim e requentado);

"Falar a três-por-dois" (falar muito, sem parar);

"A melhor de três";

"Dar três pulos e meio" (estar feliz, pular de alegria);

"Fome de três dias";

"Em três tempos" (fazer as coisas rapidamente);

O Sr. Domineu Coelho (1919/2005), que nos deixou recentemente, recitava sempre o seguinte adágio: "uma sebe (cerca) dura três anos; o cachorro dura três cercas; o cavalo dura três cachorros; o homem dura três cavalos; o urubu três homens e o elefante três urubus".

Dezenas de outros provérbios que compõem a "filosofia" popular referem-se frequentemente ao número três. Exemplos:

"Quem vai à festa três dias não presta";

"Fortuna de lobo três dias dura";

"Pão de quinze dias, fome de três semanas";

"O hóspede e o peixe aos três dias aborrecem";

"Três mulheres e um pato fazem a feira";

"Três à carga, três no chão".

"Três coisas mudam a vida (viram a cabeça) do homem: vinho, estudo e mulher".

"Poreia com três meses, três dias e três horas, leitãozinho fora".

O Revm. Pe. José Duque gostava de dizer: "três coisas boas tem a vida: fumo velho, vinho velho, amigo velho".

Uma outra forma corrente diz: "três coisas velhas são boas: pote, sapato e café/ três eu gosto bem fresquinhas: água, paçoca e mulher!".

Outra: "Das coisas que o mundo ensina/ três coisas danadas, eu acho/ muito cuidado requer/ fogo de serra acima/ água de morro abaixo/ e "desejo" de mulher.

Quem entre nós não se lembra da constelação das Três Marias, que avistamos nas noites estreladas e até hoje nos encantam, correndo inclusive entre as crianças e mesmo os adultos a seguinte trova:

"Lá no céu tem três estrelas, todas três em carreirinha
uma é sua, outra é minha, a terceira é da minha namorada"

Também nos brinquedos de roda encontramos a presença do número três:

"Terezinha de Jesus/ deu uma queda e foi ao chão/ acudiram três cavaleiros/ todos três com chapéu na mão!/ O primeiro foi seu pai/ o segundo seu irmão/ o terceiro foi aquele/ a quem Tereza deu a mão/

Da laranja quero um gomo/ do limão quero um pedaço/ da morena mais bonita/ quero um beijo e um abraço/".

Outra expressão curiosa, até há algum tempo, utilizada no interior era "com três nós e uma busca" para indicar a forma como alguém

fora expulso de alguma localidade ou fora obrigado a abandoná-la, após se indispor com a população ou autoridades locais (vem do antigo hábito de se colocar o "indesejado" no lombo de uma égua velha, na saída da cidade, dar nós no rabo do animal e amarrar um busca-pé ao qual se ateava fogo).

Outra trova do repertório interiorano, envolvendo o nº 3:

"Queijeiro que vai passando/ dá três queijos pra mim/ seu balaio está pesado/ vai ficar mais leve assim".

Eis aí compiladas algumas trovas e ditos populares pertinentes ao nº 3, por nós ouvidos e recitados em nossos brinquedos e conversas de antanho e que ainda sobrevivem, perspassando infâncias e adultos, servindo-nos de lições e folguedos, encantando-nos e perpetuando tantos idílios...

O Caminho de São Tiago



O pai precisava resolver uns negócios na cidade, chamou o filho para ir junto. Fazia muito tempo que Tiãozinho tinha ido a São Tiago a última vez.

Estava agora com dez para onze anos, era quase um rapazinho.

Botou arreio novo no Rosilho, com peitoral e rabicho, coxinilho e capoteira. Tomou banho geral, vestiu o terno branco, bebeu um café reforçado e, dia amanhecendo, metia o pé na estrada.

Viagem estirada, a bem dizer quatro léguas, e oito ida e volta. Coisa pra macho. Por isto ia tão intimado.

Na cidade, chupou picolé e experimentou refresco de groselha. Escutou conversa de homem na farmácia do João Reis, depois deu umas voltas na praça da Matriz. Comeu lombo de porco com lingüiça, tutu de feijão e couve picadinha na pensão do Luis Caputo. Escutou muita música caipira no rádio do Vicente Mendes enquanto fazia suas compras, um pente "Flamengo", um espelhinho de bolso com o escudo do Vasco nas costas, um canivete "Cometa", mais dúzia e meia de bolinha de gude pra encantar as vistas e invejar os irmãos.

Duas e pouco, tudo resolvido, saía de volta, acompanhando no pequirá a marcha larga da Princesa, besta baía de estimação do pai.

Era janeiro, dias quentes e grandes. Chegou em casa com céu ainda claro. Trocou de roupa, jantou, foi pro alpendre conversar com os agregados. Manuel Vaqueiro pergunta:

- Comê, Tiãozinho, gostou da viagem?

O menino tinha as pernas raladas, o traseiro doendo daquele estirão de quase oito léguas. Mas trazia a alma cheia de uma novidade muito bonita. Estufou o peito, tomou um ar solene e revelou ao grupo de empregados a sua importante descoberta:

- Olha, gente, quem quiser saber como este mundo é grande, viaje pros lados de São Tiago.

(Extraído do livro: "Minas e seus Casos", de Olavo Romano)

Caros leitores,
desjuntamos a vocês um Feliz Natal
e um Próspero Ano Novo!

